

ELSINORE

**Alia**   
**Trabucco**  
**Zerán**

**LIMPA**

*Tudo se resume a saber  
quem limpará quem.*

ALBERT CAMUS, *A Queda*

Chamo-me Estela, estão a ouvir? Eu disse: Es-te-la-Gar-cí-a.  
Não sei se estarão a gravar ou a tomar notas, ou se não está ninguém do outro lado, mas se me ouvirem, se estiverem aí, quero fazer-vos uma proposta: eu conto-vos uma história e quando chegar ao fim, quando me calar, vocês deixam-me sair daqui.

Alô?! Não dizem nada?

Vou tomar o vosso silêncio como um sim.

Esta história tem vários inícios. Até me atrevo a dizer que é feita de inícios. Mas digam-me vocês o que é um início. Expliquem-me, por exemplo, se a noite vem antes ou depois do dia, se acordamos depois de dormir ou se dormimos porque acordámos. Ou melhor, para não vos cansar com os meus devaneios, digam-me onde começa uma árvore, digam-me se é na semente ou no fruto que antes envolvia a semente. Ou talvez seja no ramo onde germinou a flor que depois foi esse fruto. Ou na própria flor. Percebem o que quero dizer? Nada é tão simples como parece.

Acontece uma coisa parecida com as causas, são tão confusas como os inícios. As causas da minha fome, da minha sede.

As causas desta prisão. Uma causa empurra outra, uma carta cai sobre a carta seguinte. A única certeza é o desfecho: no fim nada fica de pé. E o desfecho desta história é o seguinte... Querem mesmo saber?

A menina morre.

Alô?! Não reagem?

É melhor repetir, não vá uma mosca ter-vos zumbido ao ouvido ou uma ideia mais aguda ou mais estridente do que a minha voz vos ter distraído.

A menina morre, ouviram? A menina morre e continua morta seja qual for o meu início.

Mas a morte também não é simples, nisso devemos estar de acordo. Acontece com ela algo parecido com o que acontece com a largura e o comprimento da sombra. Muda de pessoa para pessoa, de animal para animal. De árvore para árvore. Não há duas sombras idênticas sobre a superfície da terra nem duas mortes iguais. Cada cordeiro, cada aranha, cada pardal morre à sua maneira.

Vejamos o exemplo dos coelhos... Não fiquem impacientes, isto é importante. Alguma vez tiveram um coelho entre as mãos? É como segurar uma granada, uma suave bomba de tempo. Tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque. É o único animal que frequentemente morre de medo. Basta o odor de uma raposa, ou a longínqua suspeita de uma cobra, para que o seu coração dê um safanão e as suas pupilas se dilatam. Então, a adrenalina aplica o golpe final ao coração e o coelho morre antes que os dentes se ferrem no seu pescoço. É assassinado pelo medo, percebem? O que o mata é a pura antecipação. Numa fração de segundo o coelho intui que vai morrer, vislumbra como e quando. E essa certeza do seu próprio fim condena-o à morte.

Isso não acontece com os gatos, com os pardais, com as abelhas nem com os lagartos. E que dizer das plantas? Que dizer da morte de um salgueiro ou de uma hortências, de um ulmeiro ou de uma casca-de-anta? Ou da morte de uma figueira, essa árvore robusta, com um tronco tão sólido e cinzento como o cimento? Para matá-la seria preciso uma causa poderosa. Seria necessário que um fungo letal penetrasse nos seus ramos, inverno após inverno, ano após ano, e que ao fim de décadas acabasse por apodrecer-lhe as raízes. Ou que uma serra a amputasse e transformasse o seu tronco num saco de lenha.

Acontece o mesmo com cada espécie, com cada ser que habita este planeta. Cada um tem de encontrar a sua causa de morte. Uma causa capaz de vencer a vida, um motivo suficiente. E a vida, como sabem, prende-se com toda a força a alguns corpos. Torna-se vigorosa, teimosa, e é muito difícil desprendê-la. Para o conseguir é preciso ter a ferramenta apropriada: como o sabão para as nódoas, e a pinça para as farpas. Estão a ouvir-me desse lado? Estão atentos? Não é possível que um peixe sucumba afogado no fundo do mar. E um anzol seria um pequeno arranhão na boca de uma baleia. Além disso, não se pode ir longe demais, é impossível morrer mais do que a conta.

Não estou a derivar, atenção, este é o contorno da história e é preciso percorrê-lo antes de avançar para o interior. Têm de compreender como aqui cheguei, que factos me levaram a esta prisão. E têm de se aproximar, pouco a pouco, da causa da morte da menina.

Eu matei, é verdade. Prometo não mentir. Matei moscas e traças, galinhas e lagartos, um feto e uma roseira. E há muito tempo, por misericórdia, matei um leitão ferido. Dessa vez senti pena, sim, mas matei-o porque ele ia morrer. Ia morrer lenta e dolorosamente e eu decidi antecipar-me.

Mas essas mortes não vos preocupam, não é isso que querem ouvir. Desculpem, irei direta ao assunto, à desejada causa de morte: um punhado de comprimidos; a queda de um avião; uma corda à volta do pescoço... alguns, apesar de tudo, sobrevivem. Para esses, poucos, a tarefa de morrer não é tão fácil. Homens que precisam do embate de um camião, um tiro no peito. Mulheres que se lançam de um sexto andar porque o quinto não seria suficiente. Em contrapartida, para outros basta uma simples pneumonia, uma corrente de ar frio, um caroço atravessado na garganta. E há uns quantos, como a menina, que precisam apenas de uma ideia. Uma ideia perigosa, afiada, nascida num momento de fraqueza. Vou falar-vos dessa ideia e de quando surgiu. Agora deixem aquilo que estão a fazer e prestem-me atenção.

O anúncio dizia o seguinte: «Procura-se empregada, boa presença, tempo inteiro».

Não especificava mais do que um telefone que rapidamente se transformou numa morada, para onde me dirigi com uma blusa branca e esta mesma saia preta.

Receberam-me ambos à porta. Refiro-me ao senhor e à senhora, ao patrão e à patroa, aos chefes, aos cônjuges, vocês saberão como chamar-lhes. Ela estava grávida e quando abriu a porta, mesmo antes de me estender a mão, examinou-me de alto a baixo: o cabelo, a roupa, os ténis ainda brancos. Foi um olhar minucioso, como se assim conseguisse descobrir alguma coisa importante sobre mim. Ele, pelo contrário, nem me olhou. Estava a escrever uma mensagem no telemóvel e sem levantar os olhos apontou para a porta da cozinha.

Não conseguiria reproduzir as perguntas que me fizeram, mas lembro-me de uma coisa muito curiosa. Ele tinha feito a barba e um estame de espuma brilhava sob a sua patilha direita.

Alô?! O que foi? Uma empregada não pode dizer estame?

Pareceu-me ouvir uma gargalhada, um riso pouco simpático do outro lado da parede.

Como eu estava a explicar, essa mancha distraiu-me, parecia que lhe tinham arrancado um pedacinho de pele e que por baixo não havia sangue nem carne, só uma substância branca, artificial. A senhora reparou que eu não conseguia parar de olhar para ele e, quando finalmente viu a espuma, humedeceu o polegar e limpou-lhe a pele com um pouco de saliva.

Os senhores perguntarão que importância é que isso tem. Nenhuma, a resposta é essa, embora me lembre bem do gesto dele, da forma como afastou a mão da mulher repreendendo aquela manifestação de intimidade diante de uma estranha. Semanas depois, estava eu a fazer a cama de casal quando ele, de repente, saiu da casa de banho. Eu pensava que ele já tinha saído para trabalhar, mas estava ali, à minha frente, completamente nu. Quando me viu, nem se assustou nem pareceu incomodado. Com toda a calma, procurou os *boxers*, voltou para a casa de banho e fechou a porta. Os senhores expliquem-me o que se passou entre o primeiro dia e os seguintes.

Precisavam de uma pessoa o quanto antes.

O senhor disse:

— Era bom se começasse na segunda-feira.

A senhora disse:

— Era bom se começasse já hoje.

No frigorífico estava um papel com todas as minhas tarefas. Assim não foi preciso perguntar se a empregada sabia ler, se conseguia escrever uma lista de compras ou apontar recados no bloco de notas junto ao telefone. Aproximei-me, li a lista, soltei o papel e guardei-o no bolso. Delicada, assertiva, uma empregada com educação suficiente.



— Posso começar na segunda-feira — disse eu.

Aceitaram imediatamente. Nem me pediram referências. Mais tarde percebi que naquela casa era tudo uma corrida contra o tempo, embora nunca tenha percebido a pressa deles, tanta pressa. Quem tem pressa perde o tempo, dizia a minha mãe quando eu saía atrasada para a escola e cortava caminho pela horta. E depois avisava-me que não se pode vencer o tempo. Essa corrida está marcada desde o dia em que nascemos. Bom, mas eu fiz um desvio... Estava a falar-vos das horas que faltavam nos seus dias e dos poucos dias que faltavam para o nascimento da sua primeira filha.

Já sei o que vão perguntar-me e a resposta é não. Eu não tinha experiência com crianças e não lhes menti. A minha mãe dissera-me ao telefone: «Não lhes mintas, Lita, nunca mintas no primeiro dia». Por isso, eu disse sem hesitar:

— Não tenho filhos, não tenho sobrinhos, nunca mudei uma fralda.

Mas a decisão estava tomada. A senhora tinha gostado da minha blusa branca, da minha trança longa e cuidada, dos meus dentes direitos e limpos, e também do facto de eu nunca me ter atrevido a enfrentar o seu olhar.

Quando as perguntas acabaram, mostraram-me o resto da casa:

- Aqui estão os utensílios de limpeza, Estela.
- As luvas de borracha, a esfregona.
- Aqui a caixa de primeiros socorros.
- As esponjas, a lixívia, o detergente, os lençóis.
- Aqui a tábua de engomar, o cesto da roupa suja.
- O sabão, a máquina de lavar, a caixa da costura, as ferramentas.

- Não deixes apodrecer nada, Estela.
- Nada pode passar da validade.
- Às segundas-feiras, limpeza a fundo.
- Regar o jardim todas as tardes.
- E não abrir a porta a ninguém, nunca, em caso algum.

Não me lembro de muito mais, a não ser que nesse dia tive um pensamento e que esse pensamento se colou a mim. Enquanto percorria o corredor e as casas de banho e espreitava cada uma das assoalhadas, enquanto observava a sala de estar e a sala de jantar, a grande varanda e a piscina, pensei, muito claramente, «isto é uma casa a sério, com pregos espetados nas paredes e quadros pendurados nos pregos». E esse pensamento, não sei porquê, doeu-me aqui mesmo, entre os olhos. Como se um fogo tivesse começado e ardesse exatamente aqui.

Não me mostraram o quarto dos fundos. Quer dizer, no dia da entrevista. Aquele a que chamam «o teu quarto» e a que eu chamarei o quarto dos fundos. Vi-o pela primeira vez na segunda-feira, no meu primeiro dia de trabalho. A senhora recebeu-me, pálida, com a pele da cara coberta de suor.

— Estás em tua casa — disse, e retirou-se para descansar.

Entrei na cozinha, sozinha, e admirei-me por antes não ter reparado naquela porta tão estranha. Confundia-se com os azulejos das paredes, como uma passagem secreta. Aproximei-me e fi-la deslizar. Já sabiam que deslizava? Para não ocupar espaço. Para não bater na cama. Não se empurrava como uma porta normal e eu deslizei-a para a esquerda e entrei pela primeira vez.

Apontem aí o que estava dentro do quarto, pode ser que tenha importância: uma cama de solteiro, uma pequena mesa de cabeceira, um candeeirinho, uma cómoda e uma televisão velha. Dentro da cómoda seis batas: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado. Domingo era o meu dia de folga. Não havia quadros nem bibelôs, apenas uma pequena janela. Uma casa de banho,

sim, com um duche, um antigo tocador e umas manchas de humidade que pareciam rir às gargalhadas.

Fechei a porta e fiquei de pé, com os lábios repentinamente secos. Senti as pernas fraquejar e sentei-me na ponta da cama. Nessa altura tive uma sensação... como descrevê-la? Senti que ainda não tinha entrado naquele quarto e que eu mesma, do lado de fora, estava a olhar para a mulher que eu seria a partir desse momento: os dedos cruzados sobre a saia, os olhos secos, a boca seca, a respiração rápida. Reparei que a porta do quarto era de vidro opaco, envidraçado. O senhor já deve ter ali pronunciado uma das suas palavras preferidas: *es-me-ri-la-do*. Uma porta de vidro esmerilado ligava o quarto à cozinha. E foi ali que vivi durante sete anos, embora nunca, nem uma única vez, lhe tenha chamado «o meu quarto». Escrevam isto nas vossas atas, *vá*, não sejam tímidos: «recusa-se categoricamente a referir-se a essa assoalhada como o seu quarto». E podem acrescentar à margem «negação», «ressentimento», «provável móbil do crime».

Pouco depois ouvi alguém entrar na cozinha e esperar-me do lado de fora... ou de dentro. Não sei. Se calhar essa assoalhada era fora e a cozinha era dentro. Algumas coisas são confusas, pelo menos para mim: dentro, fora; presente, passado; antes, depois.

A senhora tossiu, eu engoli em seco e respondi:

– Vou já.

Ou talvez ninguém tenha tossido e eu também não tenha falado, e talvez essa mulher que eu seria durante os sete anos que se seguiram se tenha despido e enfiado uma bata por cima da cabeça. Pareceu-me muito apertada no pescoço, justa demais para mim, mas quando fui apertar o primeiro botão reparei que não tinha casa. Um botão decorativo na garganta da empregada doméstica. As outras cinco batas tinham o mesmo falso botão.

É esquisito eu lembrar-me desse pormenor e não ter a menor ideia do que fiz durante o resto do dia. Não sei se cozinhei. Não sei se lavei. Não sei se reguei. Não sei se passei a ferro. Dessas semanas recordo apenas a nossa constante perseguição. Se eu entrava na sala, a senhora ia discretamente para a sala de jantar. Se eu entrava na sala de jantar, ela fugia para a casa de banho. Se eu queria limpar a casa de banho, ela fechava-se no seu escritório. Não sabia o que fazer, onde ir. Tinha dificuldade em movimentar-se, por causa da gravidez, mas era preferível fugir a ficar sozinha e em silêncio com uma estranha. Porque era isso que eu era, uma estranha. Não sei em que momento deixei de o ser. Quando começou a pedir-me que lavasse a sua roupa interior à mão, a dizer-me «Estelita, a menina vomitou, lava o chão com lixívia, por favor». Mas perguntem-lhe em que dia faço anos, perguntem-lhe quantos anos tenho.

Na primeira semana nem sabiam como chamar-me. Chamavam-me pelo nome da rapariga que tinha trabalhado lá em casa antes de mim. Essa que lhes esfregava a retrete e lhes deitava o lixo fora às terças e sextas. A que lhes fazia salada russa e os via deitados na cama. Nunca mo disseram, mas eu sei porque nenhum dos dois era capaz de pronunciar bem o meu nome.

— Mmmestela — diziam.

Ainda hoje me interrogo qual seria o nome da minha antecessora: Maria, Marisela, Mariela, Mónica. Não tenho dúvidas sobre a primeira letra, levou meses a esfumar-se.

Já eu, sempre lhe chamei «a senhora». A senhora não está. A senhora quer comer alguma coisa? A que horas é que a senhora volta? Mas chama-se Mara, senhora dona Mara López. Quando a convocaram e ela os olhou como se olha para uma nódoa, como se constata um erro, de certeza que lhe disseram «senhora dona

Mara, sente-se, por favor. Quer um copo de água? Quer um chá? Prefere açúcar ou adoçante?» e ao mesmo tempo interrogavam-se, como eu me interroguei, quem é que se chama assim? É como chamar-se Jula ou Veronca. É como viver com uma ausência.

Havia qualquer coisa nela. Era como um... deixem-me pensar. Um desaparego. Ou não. Essa não é a melhor palavra. Um desprezo, é isso. Como se todos a aborrecessem ou lhe repugnasse todo e qualquer tipo de cumplicidade. Pelo menos era essa a sua aparência. A máscara que cuidadosamente colocava todas as manhãs. Por trás da máscara, corava de raiva quando o marido chegava tarde do trabalho e quando a filha cuspiu para o prato a comida já mastigada; e a pálpebra, a esquerda, latejava sem parar, como se um pedaço da sua cara quisesse fugir e não voltar.

Desviei-me do assunto, é verdade. Deve ser a falta de hábito. A cara da senhora não tem importância, tenho de falar-vos também dele.

A ele, eu tratava-o, como já devem ter adivinhado, por «o senhor», embora às vezes lhe chamasse «o teu papá». Onde está o teu papá? O teu papá já chegou? Mas o seu nome é Cristóbal. Doutor Juan Cristóbal Jensen. Um homem um pouco rude, com entradas de uma calvície precoce e uns olhos azul-celeste, da cor da chama do esquentador. Todas as manhãs, antes de sair, dizia a mesma frase: «Mais um dia de trabalho». Talvez fosse uma superstição ou então detestava-o mesmo. Refiro-me ao trabalho, não se assustem. Odiava os colegas, as enfermeiras e todos os pacientes. Já o devem ter visto com a sua camisa bem passada, os sapatos bem engraxados, à espera de que alguém lhe agradeça por lhe ter salvo a vida. Ou então vestiu a bata branca para lhe chamarem senhor doutor. Isso, sim, adorava, que se referissem a ele como «o doutor Jensen». Mas escrevam o que vos digo:

ser doutor não tem importância nenhuma. Não quando morre a nossa única filha. Não quando somos incapazes de salvá-la.

Falávamos pouco, eu e ele. Bastava servir-lhe pontualmente a comida e ter as camisas lavadas e passadas. Não sei descrevê-lo melhor, talvez vocês me possam ajudar. Como definiriam uma pessoa que não fuma, que quase não bebe, que antes de pronunciar uma palavra a pesa e calcula, de forma a evitar exageros que o façam perder tempo. Um homem obcecado pelo tempo:

- Almoçamos dentro de uma hora, Estela.
- Aquece a comida daqui a quinze minutos.
- Vou chegar dez minutos atrasado à clínica.
- Tenho dois minutos para tomar o pequeno-almoço.
- Chego dentro de um minuto, abre o portão.
- Vou contar até três.
- Dois.
- Um.

Uma perpétua contagem decrescente.

A menina nasceu no dia quinze de março, uma semana depois de eu ter chegado. Assustei-me com o uivo de dor seguido de uma palavra: «respira». Eram cinco da manhã, acho que estava a dormir, parece-me, às vezes duvido de que alguma vez tenha conseguido adormecer naquele quarto. O grito assustou-me, levantei-me e fui até ao corredor. A senhora estava agarrada à barriga, o senhor agarrava-a pela cintura e tentava convencê-la a andar até ao automóvel. Um passo, um grito. Outro passo, outro grito. Gritava como se não houvesse um limite para os gritos que é possível soltar durante a vida; como se cada grito não valesse um milhão de palavras.

Voltaram vários dias depois. Pensei que viriam muito antes, mas houve complicações no parto e ninguém me avisou. Para quê? Quem é que avisa a empregada doméstica? A espera foi estranha. Eles não estavam em casa, mas também não se tinham ido embora. Lembro-me de passar horas e horas sentada na cozinha, com as mãos sobre a mesa, os olhos postos no ecrã que havia por cima do frigorífico: o país enfrentava uma seca histórica,



cortes de estradas em Araucanía, oferta relâmpago de máquinas de lavar. Era assim que passava os dias, entre tragédias e anúncios. Imagino que podia ter aproveitado para dar um mergulho na piscina, para falar ao telefone toda a tarde, para acabar com o *uísque* e experimentar as joias da senhora. Era disso que estavam à espera, não era? Não me façam rir.

Certa manhã, finalmente, ouvi os travões do carro, a chave na fechadura. Estava à espera de ouvir chorar, mas não ouvi a criança. Não chorou quando nasceu, sabiam? O senhor brincava com esse silêncio sempre que ela esperneava. Quando não conseguia acalmar os berros da sua filha arisca, ele e a mulher recordavam que ela se tinha mantido em silêncio durante os primeiros dias de vida. Como se ninguém lhe fizesse falta. Como se estivesse satisfeita.

A senhora trazia um vulto nos braços e um sorriso tenso, artificial, quase uma expressão de horror. Reparei que o esforço para caminhar do automóvel até casa a tinha deixado exausta. Tinha a pele da cara flácida e acinzentada, os lábios gretados e um suor de que não conseguiu livrar-se durante semanas. «Abre as janelas, Estela, as portas, todas as portas, faz corrente de ar, por favor». Foi o que disse, «por favor», como se fosse um favor que mais tarde me devolveria.

Deu uns passos pequenos, parou ao pé da porta e soltou um suspiro. Acho que foi a única vez que senti pena da senhora. Deu-me dó tanto cansaço, por isso estendi os braços e peguei na criança. As pessoas são assim, não é? Era o que a minha mãe dizia quando deixava um prato com leite para os cães vadios da praça de Ancud. Somos feitos assim, repetia, quando aceitava ficar a tomar conta de algum gato ou carregava os sacos de algum idoso desde a mercearia até sua casa. Somos assim, somos assim.

Mas isso não é verdade. As pessoas não são assim, podem sublinhar esta frase.

Quando peguei na criança fiquei desconcertada com o seu peso: insignificante, tão frágil que dava vontade de chorar. As pálpebras inchadas e a cara redonda eram típicas dos recém-nascidos. O mesmo cheiro, o mesmo desespero de quando abrem os olhos desfocados. Pareceu-me mais pequena do que eu imaginava, mas eu não sei nada. Depressa cresceria e cresceriam as suas unhas e ela teria de as cortar mil vezes ao longo de uma vida forte e determinada, como a vida deve ser.

Quando a segurei nos meus braços, a senhora disse que precisava de descansar e que eu ficava com ela. Não disse o seu nome, sabem? Disse «ela», mais nada. «Fica com ela, Estela. Adormece-a, por favor». Deve ser por isso que para mim ela era apenas «a criança», mas chamava-se Julia, isso vocês já sabem, com certeza.

Levei-a para o quarto ao fundo do corredor. Tinham-no decorado com um papel de malmequeres, um berço de madeira e um móbil de zebras e sóis que girava sem parar. Pousei-a no fraldário de vime e comecei a despi-la. Um cobertor, uma manta de algodão, um *babygro* demasiado largo. Ficou só com a fralda e nesse momento vi o seu corpo. Rosado, com manchas amarelas e o cordão umbilical escuro pendurado no umbigo. Torceu os braços ao sentir o frio, mas não chorou, Abriu a boca desdentada e deixou o ar sair, só isso. Em breve aquela boca estaria cheia de palavras: dá-me, quero, anda, não.

Abri a fralda e um cheiro avinagrado invadiu o quarto. Pensava que os bebés recém-nascidos não tinham cheiro, mas eu não sabia nada. «Merda é merda, não importa de onde vem», dizia a minha mãe enquanto limpava a bosta dos porcos ou a fossa do campo, e acho que nisso ela tinha razão.

Limpei-a com umas toalhitas e ficou impecável. Pus-lhe outra fralda e um *babygro* mais pequeno. Depois enfiei-lhe as mãos numas minúsculas luvas brancas. Tinha ouvido dizer que as crianças arranham a cara quando nascem. Que tipo de impulso seria esse, nascer e arranhar a própria cara?

Peguei-lhe ao colo e só depois entreabriu as pálpebras. Tinhas os olhos cinzentos, perdidos, incapazes de fixar o contorno das coisas. Nesse momento pensei: o silêncio deve ser isto, perder o contorno das coisas. E embalei-a para fugir ao silêncio que começava também a cair sobre mim. Por sorte, a criança adormeceu de imediato. Ou então fechou os olhos e continuava acordada, não sei. Deitei-a suavemente no berço e vi-a acomodar-se nesse espaço. Nunca tinha cuidado de uma criança, muito menos recém-nascida. Avisei a senhora quando me contratou, mas ela deduziu que a empregada saberia usar a máquina de lavar, o ferro de engomar, a agulha e o dedal. Portanto, era impossível não saber cuidar da sua filha. Da sua Julia que agora dormia soltando uns gemidos agudos e tristes.

Não sei quanto tempo passou. Quanto tempo se amontoou enquanto eu vigiava o sonho daquela criança: dez minutos, sete anos, o resto da minha vida. Fiquei ali, paralisada, debruçada sobre a grade do berço, sem conseguir desviar o olhar daquele peito que se enchia e esvaziava, incapaz de distinguir o carinho do desespero.

Uma manhã, logo no início, tomei um duche, vesti a bata e quando entrei na cozinha vi um recado na porta do frigorífico. Achei estranho a senhora não me avisar que ia sair tão cedo com o bebé. Deve ser um teste, pensei. Devia querer saber se à primeira oportunidade, sozinha em casa, a nova empregada se punha ao telefone a cochichar com as tias, as primas, as inúmeras sobrinhas.

Fui confirmar que o telefone estava desligado e voltei para o recado:

Detergente para a loiça

Fraldas

Iogurte magro

Pão integral

Palavras num papel que meti no fundo do bolso. Alfabetizada, de confiança, boa apresentação.

A campanha do telefone assustou-me. Devia ser a senhora, quem mais seria? Era ela com certeza, mas eu não sabia o que fazer. Não sabia se devia atender, para ela saber que a nova

empregada estava atenta; ou se não devia atender, e deixar que o toque insistente a enlouquecesse, para que ela percebesse uma coisa ainda mais importante: o telefone não estava ocupado e a sua empregada, eficaz, já estava a caminho do supermercado.

Não atendi.

Na rua, o calor até incomodava as plantas lânguidas de tanto sol. Saí como estava, de bata e ténis, e à minha frente, no passeio oposto, vi uma mulher a caminhar. Tinha uma bata semelhante à minha, os mesmos quadradinhos brancos e cinzentos, o mesmo botão falso, a mesma trança, ténis, e passeava muito lentamente com uma idosa de brincos de pérola, mala ao ombro, com o cabelo pintado e armado. Aliás, não... não era exatamente assim. Não passeava *com* a idosa. Arrastava-a com esforço, pequenos passinhos, o corpo curvado pelo peso. A mulher viu-me, olhámo-nos e parámos ao mesmo tempo. A sua cara era a minha, foi o que pensei e senti um calafrio. Se eu soltasse o braço, se de repente a deixasse escapar, a idosa que estava ao meu lado cairia de joelhos no chão.

Caminhei rapidamente na direção oposta. Não sabia para onde dirigir-me para encontrar o supermercado, mas a simples ideia de ter aquela mulher à minha frente tornou-se insuportável. Passei por uns condomínios privados e por umas mansões muradas. Estávamos no fim do verão e embora algumas árvores já tivessem perdido as suas primeiras folhas, nenhuma continuava no chão. Tudo impecável, recentemente varrido. O passeio sem buracos, a rua arborizada, nenhum autocarro em todo o trajeto. Parecia o cenário de um filme, pensei, e acelerei o passo.

Creio que no meio daquela calma excessiva reparei que alguém me seguia. Uma sombra, um som; atrás de mim devia vir aquela mulher, aquela que eu seria dentro de poucos anos. Pisando-me com os meus ténis, sussurrando-me um segredo

com a minha própria voz. Senti o coração acelerado, as mãos frias e húmidas. Tive a certeza de que ia desmaiar. Ia partir a cabeça no asfalto. Acordaria num hospital. A senhora ia despedir-me por ser débil, por ser doente. Teria de voltar à ilha e dar razão à minha mãe: tinha sido um erro, nunca devia ter ido para Santiago. Nesse momento disse a mim mesma «Estela, já chega!». E virei-me bruscamente.

Casa atrás de casa, vedações elétricas, uma atrás da outra, não se via vivalma. Havia seca, já sabem, mas a relva, os jardins públicos, os canteiros continuavam verdes. Era um bairro harmonioso, calmo, uma miniatura de cidade. Parei para recuperar o fôlego, sequei as mãos na bata e vi à minha frente, na esquina, uma bomba de gasolina e o bendito supermercado.

Atravessei a rua na diagonal para cortar caminho e passei pelo meio da bomba de gasolina. Não sei porque fiz isto. Para quê cortar caminho, ganhar tempo, chegar depressa? O rapaz que estava a atender olhou-me fixamente, durante muito mais tempo do que é adequado olhar para alguém. Não se importou se isso me incomodava, ou talvez fosse precisamente esse o seu objetivo. Realmente, quem é que se lembra de sair à rua com uma bata de empregada doméstica e cara de pânico? Olhei-o pelo canto do olho. Era jovem, magro, com um feto tatuado no braço e um cão enorme e castanho deitado aos seus pés. Não parou de olhar para mim até eu entrar no supermercado. Como se aquela mulher, ou seja, eu, fosse uma verdadeira aparição.

O anúncio das promoções distraiu-me e tirei a lista do bolso:

Detergente para a loiça

Fraldas

Iogurte magro

Pão integral

Fui riscando-as, como vocês provavelmente riscam algumas das minhas palavras. As que consideram inapropriadas ou inverosímeis, as que vos parecem incorretas. Paguei, guardei a fatura, contei o troco e voltei para a rua. Agora tomem atenção, meus amigos, estou a falar convosco. Sim, convosco, com quem está aí à espera de uma confissão. O que é que foi? Parece-me que ouvi uma reprovação atrás da porta. Não gostam que vos chame meus amigos? É confiança a mais? Como querem que vos trate? Sua majestade? Vossa senhoria? Excelentíssimas senhoras e senhores?

Mais do que uma vez me interroguei quem seriam vocês. Se por acaso, aproximando-me do vidro, conseguiria ver as vossas expressões. Mas por mais que me aproxime só vejo o meu reflexo. Então, olho para os meus olhos, para a minha boca, para as primeiras rugas na testa e fico a pensar se o cansaço não será uma etapa e se algum dia, no futuro, recuperarei a cara que costumava ter.

Mais uma vez afastei-me da história, tenham paciência. Assim que saí do supermercado e o sol me bateu de chapa no corpo, aconteceu *aquilo* pela primeira vez. Levantei os olhos, olhei em volta e não sabia onde estava. Não é uma forma de expressão. Não me deu para a poesia. Percorri com o olhar o asfalto, as folhas que tremiam nos ramos das quiliaias, o nome escrito no letreiro da bomba de gasolina. Mas por mais que atentasse na realidade que me rodeava, não conseguia decifrar como tinha ido parar àquela rua, àquele bairro, àquela cidade, àquele emprego. Não conseguia distinguir a terra do asfalto, uma bicicleta de um animal, uma perna da outra, aquela empregada doméstica de mim mesma. A própria ideia de animal, de asfalto sobre a terra, de uma empregada a caminhar fardada ao sol tornou-se-me

totalmente alheia. Foi uma espécie de duplicação... tinha entrado ali e já não conseguia sair.

Fiquei encadeada pela luz, paralisada pelo medo, procurando desesperadamente qualquer coisa que me devolvesse ao meu próprio corpo. Bati várias vezes na cara e esfreguei os olhos com as mãos. Então voltei a ver aquele cão: castanho, desgrenhado, com um olhar selvagem. O cão, o feto gravado no braço do rapaz, a rua impecável, aquela mulher que um dia seria eu a passear a patroa, já idosa. Lembrei-me do caminho de regresso e fui rapidamente para casa.

Ainda nem tinha acabado de entrar quando ouvi o telefone.

– Minha senhora – disse eu sem esperar que ela falasse.

Ela quis saber como é que eu sabia quem estava a ligar. Não lhe respondi, não valia a pena. Ainda tinha as mãos a tremer, queria sentar-me uns minutos, mas tinha de voltar de imediato ao supermercado. A senhora tinha-se esquecido do azeite e do sabão.



Vinda do campo para a capital do país, Estela García encontra trabalho junto do abastado casal Jansen como criada de quarto e ama da sua filha recém-nascida, Julia, a mesma que educará e verá crescer. Serão sete anos divididos entre tarefas domésticas invisíveis e repetitivas e a falsa intimidade que estas proporcionam. Entre solidão, afetos, conflitos e segredos, Estela encontrará o seu lugar no seio da família. Porém, quando a tragédia irrompe na vida dos Jansen e Julia aparece morta, os ódios de classe revelam-se sob a forma de preconceitos sociais enraizados.

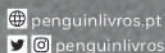
Considerado pela crítica um romance «eletrificante», carregado de tensão até ao final, *Limpa* é uma poderosa exploração dos sentimentos contraditórios e das complexas relações de poder que se estabelecem entre dois mundos diferentes unidos debaixo do mesmo teto.

«A metáfora justa para a nossa maior ferida:  
a que divide o mundo entre aqueles que vivem  
para si mesmos e os que vivem para os outros.»

**El País**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial



ISBN 9789896239091



9 789896 239091 >